

# O HERÓI, O SANTO e a POETA.

Maria Luísa Malato Borralho  
Universidade do Porto

REFLEXÕES SOBRE UM DIÁLOGO  
ENTRE ANTÓNIO FERREIRA GOMES  
e SOPHIA DE MELLO BREYNER  
ANDRESEN

## RESUMO:

Nos estudos sobre D. António Gomes Ferreira, existem dois textos que muito raramente são alvo de estudo: uma peça de teatro da sua autoria (*Herói e Santo*) e o seu prefácio aos *Contos Exemplares*, de Sophia de Mello Breyner. Existindo compreensíveis razões para essa raridade (publicação da peça sob pseudónimo e numa rara edição de autor, prefácio frequentemente retirado das reedições "escolares" da obra de Sophia), estes dois textos são, segundo procuramos demonstrar, fundamentais no pensamento do autor, até porque revelam os grandes eixos da "Resistência Católica" ao Salazarismo, que unem o Bispo do Porto a Sophia: a autenticidade / radicalidade da cultura, a delicadeza da evocação de Deus, a dimensão estética da moral, e a necessária complementaridade entre o ser que age e o ser que contempla.

## RÉSUMÉ:

Il y a, dans la bibliographie de D. António Ferreira Gomes, deux textes qui sont rarement étudiés: une pièce de théâtre (*Héros et Saint*) et une préface aux *Contes Exemplaires*, de Sophia de Mello Breyner. On comprend bien les raisons de ce silence: la pièce de théâtre a été publiée sous pseudonyme, dans une rare édition d'auteur, et la préface, suivant la malheureuse fortune du genre, est souvent retiré des éditions "scolaires" des *Contes Exemplaires*. Et pourtant ces deux textes sont fondamentaux pour connaître la pensée d'António Ferreira Gomes. Ils soulignent, en plus, les grands axes de la "Résistance Catholique" au Salazarisme, une résistance qui unissait l'Évêque de Porto à Sophia: l'authenticité / radicalité de la culture, la délicatesse de l'évocation de Dieu, la dimension esthétique de la morale, et le lien nécessaire entre l'Action et la Contemplation.

## PALAVRAS CHAVE:

resistência, cultura,  
utopia, Catolicismo,  
António Ferreira Gomes,  
Sophia de Melo Breyner  
Andresen

>>

## MOTS-CLÉS:

résistance, culture,  
utopie, Catholicisme,  
António Ferreira Gomes,  
Sophia de Mello Breyner  
Andresen

Com saudade,  
à Vera Vouga

Nos estudos sobre o pensamento estético-literário de D. António Ferreira Gomes, existem dois textos que muito raramente são alvo de estudo:

132>133

- a) um texto literário: a peça de teatro da sua autoria *Herói e Santo. Drama em 3 actos e 2 Quadros (1431-1931)*, Porto, Edição do Autor, s. d. [1931?]), e
- b) um texto de crítica literária: "Pórtico", que serviu de prefácio à 3.<sup>a</sup> edição de *Contos Exemplares*, de Sophia de Mello Breyner, de 1970.

A estes se poderia acrescentar um terceiro, devedor parcialmente do segundo, que inicialmente nos passou despercebido:

- c) um discurso lido no Congresso "Os Portugueses e o Mundo", em 9 de Junho de 1985, mais tarde publicado em *Cartas ao Papa*, com o título "O Sacerdote, o Filósofo e o Poeta perante Deus e Portugal", e reeditado na vasta *Antologia* sobre o seu pensamento, com selecção e notas de Arnaldo de Pinho (Pinho, 1990: III, 313-334; cf. Pinho, 2009: 145).

As razões para tal esquecimento são todas compreensíveis. A peça de teatro encontra-se publicada sob pseudónimo (G. Penafiel), sem indicação na *Porbase* do autor criptado. É, além disso, uma rara edição de autor, de que só há pouco se fez uma justa reedição, e em que nos foi dada a honra de participar (*Nuno de Santa Maria. Herói e Santo. A vida do Condestável D. Nuno Álvares*

*Pereira, dramatizada pelo antigo Bispo do Porto. Outros textos*, Lisboa, Fundação SPES / Aletheia, 2009). Quanto ao prefácio aos *Contos Exemplares* é somente um prefácio (isto é, “aquela parte dos livros que se pode logo saltar sem má consciência”). Além do mais, esse prefácio nem sempre foi acompanhando as reedições desta obra de Sophia. Obra que, aliás, se encontra hoje excessivamente centrada num público juvenil e escolar e sem os contextos que valorizavam, em parte, a inclusão do prefácio do Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes: a resistência católica, imediatamente antes e depois do 25 de Abril de 1974, e a cumplicidade dessa genuína resistência. O texto de 1985, reeditado em 1990, sofrerá já com essa falta de contexto que é o da Resistência, essencial para perceber o pensamento de D. António Ferreira Gomes. Porque o seu pensamento é feito para os que não estão contentes com a realidade dita “tal como é”, expansiva, exibicionista e inconsequente. Tem que se ser sensível à fortaleza que é Ferreira Gomes, e saber ver nele a força do ataque como da defesa. Como sublinha o poema de Sophia de Mello Breyner de homenagem ao Bispo do Porto, publicado em 1999, no jornal *Público*:

[...]  
quando eu entrava no paço do Bispo  
E passava a mão sobre a pedra rugosa  
O paço me parecia fortaleza  
Porém a fortaleza não era  
Os grossos muros de pedra caiada  
Nem os limites de pedra nem a escada  
De largos degraus rugosos de granito  
Nem o peso frio que das coisas inertes emanava  
Fortaleza era o Homem – o Bispo –  
Alto e direito firme como torre  
[...]  
E na face austera por vezes ao de leve o sorriso  
Inconsútil da antiga infância.

Haveria ainda um terceiro grupo de razões: os textos literários ou meta-literários não são normalmente procurados

>>

pelos leitores/investigadores que buscam na obra de António Ferreira Gomes a formulação de questões teológicas ou políticas. Também os investigadores literários nem sempre valorizam os paratextos do Bispo do Porto. Parecem igualmente muito circunstanciais os temas que unem os dois autores: a identificação de ambos com a chamada “resistência católica” ao salazarismo; e a quase consequente percepção de um discurso sobre Deus que se confunde com a busca do Belo e do Sublime. O prefácio de Ferreira Gomes aos *Contos Exemplares* de Sophia de Mello Breyner teria partido de um convite da autora, sem dúvida também justificado pelos critérios editoriais da Moraes e da Portugália, nos anos 60 e 70.

Compreender o desconhecimento destes dois textos não nos faz lamentar menos esse desconhecimento. Muito pelo contrário. Se as circunstâncias da leitura lesam o conhecimento, sempre se coloca ao investigador o desafio de mudar essas circunstâncias: se não alterando o contexto, pelo menos alterando o seu co-texto. Nesse aspecto, a crítica tem a inalienável responsabilidade de os ler, de os citar e de os divulgar.<sup>1</sup> Porque esta dimensão literária da obra de D. António Ferreira Gomes condensa os grandes vectores do seu pensamento teológico. Para além de evidenciar uma dimensão estética da sua religiosidade, ou até, como alguns dos seus textos testemunham, “o carácter poético de todo o pensamento” (Pinho, 1989: 58).

Tentaremos organizar esta nossa análise comparativa em cinco vectores: o exigente conceito de Cultura, o contido uso do nome de Deus, a dimensão estética da moral, o valor do exemplo e a complementaridade entre acção e contemplação.

## 1. Toda a Cultura autêntica é radical

Um dos primeiros eixos de reflexão que nos propõe A. Ferreira Gomes é a radicalidade do que dizemos ou fazemos. Não no sentido em que defenda uma cultura extremada, pinta-

da a preto e branco, disputada entre bons e maus, mas precisamente porque o não faz. A radicalidade de A. Ferreira Gomes vê a raiz comum dos frutos diferentes, e, por isso, é uma delicada tentativa de integração de todas as partes no todo e das semelhanças na diferença.

A radicalidade de A. Ferreira Gomes não exclui: compreende ou tenta compreender. Daí o seu invariável interesse pelos títulos das obras que prefacia, pela etimologia das palavras. Nos escritos de A. Ferreira Gomes abundam as análises de radicais, a pesquisa sobre as origens gregas ou latinas das palavras banalizadas pelo uso.

Mas também o seu interesse pela miscigenação entre a cultura popular e a cultura erudita. Uma peça como *Herói e Santo* tem quase uma preocupação pedagógica em fazer dizer às personagens verdades como punhos, condensadas na forma da máxima (“Quem quer a paz prepara a guerra”; “os dados estão lançados”; “vanitas vanitatum”; “Ridendo castigat [mores]”) ou na do provérbio (“Homem prevenido vale por dois”; “Morrer por morrer, morra meu pai que é mais velho”, etc.). Para Ferreira Gomes, frequentemente vão a par a sabedoria popular e a sabedoria erudita, ainda quando pareçam estanques. Sempre lhe vem à memória aquela imagem de S. Tomás de Aquino, do seu discurso de doutoramento: os vales são invisivelmente enriquecidos pelas chuvas que foram descendo imperceptivelmente as montanhas (Pinho, 1990: III, 314).

No mesmo sentido, Ferreira Gomes defende a universalidade dos denominados “Direitos do Homem” que lê quer na cultura popular, quer nos textos jurídicos medievais. Se retira na matéria a primazia ao século XVIII, é para a devolver à tradição, isto é a uma Humanidade e a um Portugal sem Senhores: “ao lado do *consensus populi*, como princípio e base da legitimidade do poder político, estava o direito, e muitas vezes o dever da resistência à tirania, que esta fosse de regime ou de ocupação, como diziam os nossos clássicos” (F. Gomes, Carta-Prefácio in Freire, 1976: 10). Exprime-o mais demoradamente em

*Os Direitos do Homem na Tradição Portuguesa Antiga*, ou em *Ecumenismo e os Direitos do Homem*. Ou sucintamente na resposta de D. Nuno ao embaixador espanhol que vem reclamar para Castela o reino de Portugal: “este reino não é de D. Henrique III de Castela, porque propriamente nem é de D. João I de Portugal. É de todos nós (...). Portugal é de Portugal!” (*Herói e Santo*, II, 4; Gomes, 2009: 67).

Uma cultura radical (no seu sentido etimológico) implica fidelidade às raízes, alimentando-as primeiro, e vendo depois no fruto o resultado da raiz. Uma cultura radical exige que se trate a origem e não somente o resultado, uma coerência geral das partes com o todo. O que quer dizer também que uma cultura radical é uma cultura exigente, que não se deixa enganar pelas aparências. Uma cultura radical tem de dizer ou fazer o que parece às demais inexistente ou remoto. Mas nunca pedindo sacrifícios aos outros que não passem pelo sacrifício de quem o pede. Parafraseando um texto de Ferreira Gomes, não é coerente para uma cultura radical acreditar, por exemplo, que o alfabetismo é um ponto de chegada, com que se salvariam os “práticos”, os que não precisariam de cultura e capacidade lógica para nada, fazendo-os cair nos “teóricos”, que vivem da cultura diletante, de “um saber para nada”: porque a alfabetização é um ponto de partida (Pinho, 1990: III, 56). Também não o é “bater a penitência no peito dos outros”. Na peça *Herói e Santo*, D. Nuno Álvares Pereira recorda que nunca pediu aos seus soldados que lutassem pelo Mestre mas que o seguissem, se desejassem aceitar a vida, ainda que enfrentando a morte:

– Eu vou para o Mestre! Convém-vos vir comigo?  
(*Herói e Santo*, I, 11; Gomes, 2009: 50)

A ambiguidade é clara: o Mestre é aqui, ao mesmo tempo Cristo e o Mestre de Avis. Cristo, o modelo do comportamento de D. Nuno Álvares Pereira: um modelo humano, à medida do

homem. Tal como o modelo do Mestre de Avis é também um modelo possível para este mesmo D. João I, que agora vive limitado pelas conveniências da corte, e logo, dos cortesãos. Essa ambiguidade é logo reforçada pela resposta irônica do Rei que, quando D. Nuno lhe recorda o passado, responde:

– Isso foi nessas horas fortes em que o coração do povo palpitava alto, em que eu era o “Mexias de Lisboa” [sic] e tu ias pregar por toda a parte o “Evangelho português”. (*idem*: 51)

## 2. Nunca invocar o santo nome de Deus em vão

>>

Como são as “horas fortes”? Nessas “horas fortes”, o terreno não espera pelo celeste e as coisas não têm espírito adiado. Talvez todas as horas devam ser “horas fortes”, horas em que é necessário colocar o coração ao alto. Ao ser questionada sobre a influência que teria tido o cristianismo na sua poesia, Sophia sublinha a “influência física” e a “influência na maneira de olhar para as coisas” (Andresen, 1995: 13). Ferreira Gomes refere, com palavras de Rilke, a “experiência gustativa, palatal de Deus”, e lamenta uma cultura católica vivida sem essa ideia de gosto, de alegria, de ligação corpórea entre Deus e as suas criaturas. E compreende as distinções feitas por Pessoa: “Não andaria muito longe da certa verdade Fernando Pessoa quando notava que, entre nós, os poetas religiosos não eram católicos e os poetas católicos não eram religiosos” (Gomes, 1976: XXXIV e XXI). São semelhantes a atracção e a aproximação que Ferreira Gomes e Sophia experimentam pela poesia de Rilke. Assim como são semelhantes a atracção e o distanciamento que Ferreira Gomes e Sophia experimentam em relação ao pensamento de Fernando Pessoa e à despersonalização heteronímica, concebida por Ferreira Gomes como uma “divinização ontoteológica” (cf. Pinho, 1990: III, 328) e por Sophia como uma “excomunhão da vida” (Entrevista ao *Expresso*, 15/7/1989).

Para Ferreira Gomes, como para Sophia, Deus não está

além, mas em cada ser e em cada coisa por Ele criada, impondo-se por isso que cada homem respeite no outro e no mundo essa centelha divina. Procurando ambos Deus, ambos evitam falar em nome de Deus. Em dois dos poucos poemas de Sophia com referência explícita a Deus, se tenta justificar esse mesmo silêncio sobre Deus:

Sempre te adiei  
Embora sempre soubesse que me vias  
Quis ver o mundo em si e não em ti  
E embora nunca te negasse te apartei  
("Senhor", *Ilhas*, Andresen, 1990b: 53)<sup>2</sup>

138>139

Deus falará por Si. É vão falar de Deus como se Deus fosse claro para nós ("um deus mais claro e visível do que o sol meridiano"). Como "se o sol ao meio-dia nos fosse visível"! (Gomes, 1976: XIX). Como se pudéssemos dizer qual a vontade de Deus, sem nos confundirmo-nos hereticamente com Ele, negando-O nos outros. Como se fosse bom reduzi-Lo ao tamanho da "Inquisição de ontem e de hoje", transformando-O em tirano de uma maioria contra uma minoria (Gomes, Carta-Préface *in* Freire, 1976: 14), tornando assim a Igreja uma forma de "obstrução, tapa-horizonte", em vez de a conceber como mediação (Gomes, 1976: XIV).

É curioso que em Ferreira Gomes, ao contrário do que é comum em certos discursos teológicos, os séculos XVIII e XIX sejam parcialmente ilibados das culpas históricas do actual materialismo. Cremos que são razões mais filosóficas que literárias, as que o levam a sustentar a ausência de Deus nas obras de Luís de Camões ou nas de Cervantes. Diga-se, também *en passant*, que elas são discutíveis ainda no plano filosófico.<sup>3</sup> Mas essas razões mais filosóficas que literárias têm sido também as evocadas para dourar épocas como a Idade Média ou a Idade Moderna. "E por isso vários críticos têm notado, com tanto mais razão quanto menos aceitação, que um Montaigne ou um Rabelais são já piores que um Voltaire ou um Bayle" (*idem*: XVII).

Quando se declara a morte de Deus, já Deus tinha sido morto. A culpa não está no mensageiro, mas antes, bem antes, em quem O matou. A declaração da morte de Deus, feita por Nietzsche torna-o, na verdade, não o assassino de Deus mas “o maior provocador, e por isso instaurador, no nosso tempo, da Teologia cristã”. E Ferreira Gomes vai buscar a citação mais completa ao original:

Deus morreu... Nós outros, tu e eu, o matámos! Como pudemos nós fazê-lo... beber todo o mar... safar à esponja todo o horizonte... desencadear do sol esta nossa terra?! (*apud ibidem*)

>>

A morte de Deus foi uma morte lenta, arrastada ao longo dos séculos, de que não se encontra ilibada nem sequer uma certa Idade Média decadente. E comenta ainda António Ferreira Gomes:

Este espanto, este sentido apocalíptico das proporções, este calafrio de tragédia do caminhar-sem-Deus nesta vida é o bom princípio. Negativo sim, mais silêncio que voz, mais aspiração que satisfação, mais fome que indigestão: é esse o bom princípio. Que o grande pecado da cultura moderna – pecado, em verdade não original mas herdado de toda a cultura anterior, sobretudo da cultura medieval decadente – o grande pecado cultural tem sido *usar o santo nome de Deus em vão* (...). (*idem*: XVII-XVIII)

Compreende-se assim melhor a posição crítica de Ferreira Gomes face à Literatura dita católica e aos poetas auto-denominados católicos. Estranha-lhes a falta de Deus e da sua Liberdade. Pelo contrário, encontra Deus frequentemente em autores de uma certa Antiguidade, de uma certa Idade Média, de uma certa Idade Moderna, de uma certa Idade Contemporânea. É aqui também curiosa a utilização por A. Ferreira Gomes da palavra “clássicos”, com a ambiguidade com que a utiliza Italo Calvino: autores da antiguidade, medievais, modernos ou contemporâneos, que nos ensinam uma raiz matricial de (com)paixão pelo ser humano,

onde cabe o “daimon” de Sócrates, Santo Agostinho, S. Tomás de Aquino, a *Divina Comédia* de Dante, o *Frei Luís de Sousa* de Garrett ou as *Elegias* de Rilke, o “puro poeta”. Porque Deus é, perante a igualdade entre irmãos, hiperónimo da Liberdade:

Por nós é evidente que não temos que optar entre Deus e a Liberdade, porque *ubi Spiritus, ibi libertas*. Mas se tivéssemos que optar, votaríamos em Deus e poupar-nos-íamos ao trabalho de lhe buscar criptónimos”. (Gomes, “Liberdade, um absoluto ou um mito” in Freire, 1976: 60)

140>141

É por essa razão que a célebre Carta do Bispo do Porto enviada a Salazar não foi exibida por Ferreira Gomes, depois do 25 de Abril. Circulou muito, é certo, mas em policópias clandestinas e com versões divergentes. Não era, aliás, uma carta. Segundo Ferreira Gomes, tratava-se simplesmente de um “Memorandum”, redigido em Julho de 1958, para um encontro nunca realizado. Em 1976, Ferreira Gomes julga que o momento não é oportuno. Que, a publicá-la, ela necessitaria de bastantes explicações e comentários históricos (*apud* Freire, 1976: 15). Deseja também que a antologia de Gerald Freire sobre a resistência católica ao salazarismo e ao marcelismo não seja lida como alimento daquela “arte de escárnio e maldizer”, a flor mais acarinhada neste jardim da Europa, “espécie daquele género botânico que se poderá chamar *invidia magniflora lusitanica*, tão nossa conhecida”. Desconfia sistematicamente da “euforia triunfal” que cria novos tiranos quando se abate sobre tiranos velhos (*Ibid.*: 9 e 13).

Esse “Memorandum” ou “Pró-Memória” (o que é preciso que o próprio não esqueça de testemunhar aos outros) tem a mesma delicadeza dos “Memos” de Ítalo Calvino, depois traduzidos postumamente como “Propostas para o Novo Milénio”, mas originalmente também “Memos”. Moralidade, não Moralismo, porque a moralidade parte de nós e o moralismo exige dos outros (Calvino, 2003: 316). Resistência, não Oposição, porque a Resistência é “recusa da tirania por motivo de cons-

ciência e sob imperativos ético-sociais”, enquanto a Oposição é a oposição à tirania, só porque não somos nós os tiranos (Gomes, Carta-Prefácio *in* Freire, 1976: 13).

Há aqui também alguma empatia, no mesmo ano de 1976, com a autora dos *Contos Exemplares*. A “Resistência católica” de Sophia (filiação que lhe é atribuída na edição dos *Contos Exemplares* da Portugália) é sempre a mesma forma de Resistência à Tirania, quer quando se torna sócia fundadora da “Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos”, quer quando escreve “A liberdade, para mim, não é unilateral”, no jornal *O Século*, a 15 de Abril de 1976. Sem dúvida...

>>

Porque pertenço à raça daqueles que mergulham de olhos  
abertos  
E reconhecem o abismo pedra a pedra anémoma a anémoma  
flor a flor  
E o mar de Creta por dentro é todo azul  
Oferenda incrível de primordial alegria  
Onde o sombrio Minotauro navega  
(*Dual*, Andresen 1986b: 60).

Pertenciam ambos.

### 3. A moral é também uma questão estética

Para Ferreira Gomes, como para Sophia, a busca da Justiça extrema distingue-se mal da Beleza sublime. Nos textos de Ferreira Gomes, toda esta cultura radical implica um movimento da planta que cresce para a luz, para o alto. E não foi o adjectivo “honestus” primeiro aplicado às plantas que assim cresciam sem apoio? Há, em *Herói e Santo*, muitas metáforas e catacrezes sobre a altura: o alto, a altura, a altivez. Altivez, que nunca arrogância, dando voz a um heroísmo lírico que existe nos escritos de Ferreira Gomes (que dialoga tacitamente com o lirismo heróico de Sophia). Essa Beatriz de 15 anos, a filha de

D. Nuno (que tanto lembra a filha de Frei Luís de Sousa, no drama de Garrett) exprime-o com entusiasmo:

– [Os sonhos de uma donzela guerreira] São muito altos para mim: também mo lá dizem no convento. Por isso fujo de pensar neles. Mas eles salteiam-me; vivem comigo e eu com eles. E mais agora que me encontro entre esses altivos cavaleiros.

– E admira-los por serem altivos?, desconfia D. Nuno.

– E porque não? Defender a nossa religião e a nossa terra, o trono e o altar, não é motivo de uma nobre altivez diante de Deus e diante dos homens?

– Talvez tenhas razão. E por isso é que o bom cavaleiro devia andar sempre contente consigo e com Deus. [...] Se Deus estiver por nós [...] também o está o direito [...], reserva sibilamente D. Nuno. (cf. *Herói e Santo*, II, 1; Gomes, 2009: 58)

Mas diz Martim Vasques:

– E se esse direito não nos assistisse, tê-lo-íamos no fio das nossas espadas.

– Isso não basta, Senhor Conde. Contra a força do direito nada vale o direito da força –, riposta D. Nuno. (*idem*)

De joelhos diante de Deus, de pé diante dos homens, asseveraria Ferreira Gomes. Velhas leis da cavalaria, em que o cavaleiro solitário anda pelo mundo defendendo os fracos, alheio às honras da corte. “[...] homem livre e que sempre aspirei a oferecer essa liberdade a uma causa que superasse a minha vida, sempre também senti que a liberdade essencial é o próprio mistério da vida humana”, escreverá Ferreira Gomes no artigo 12.º do seu Testamento (Pinho, 1990: III, 337). Nesse sentido, aqueles que passeiam pela praia (e são tantos na obra e na memória de Sophia!) correspondem, na obra de Ferreira Gomes, àqueles que caminham pelo monte. A Praia e o Monte simbolizam esse espaço de intersecção entre a solidez da terra e a errância do mar ou do ar. Altura do céu ou profundidade/horizontalidade do mar. Com a terra existe uma idêntica tensão:

entre a segurança de dizer sim e as incertezas de dizer não, entre “estar com” e ser capaz de ficar sozinho e partir. Porque “estar com” implica certezas, ordens e cedências. E por vezes os outros, confundindo-se com Deus, pedem certezas, obediências e cedências que são abusivas.

Não há então como fugir para o mar:

Aqui nesta praia onde  
Não há nenhum vestígio de impureza  
Aqui onde há somente  
Ondas tombando ininterruptamente  
Puro espaço e lúcida unidade  
Aqui o tempo apaixonadamente  
Encontra a própria liberdade.  
 (“Liberdade”, *Mar Novo*, Andresen, 2003: 26)

>>

Não há como fugir para o alto. Diz o Rei sobre D. Nuno, afastado da Corte:

Quisestes despojá-lo e ele, por me prazer, cede. Quiseste-lo longe da corte e ele, por vos prazer, afasta-se. Quisestes desonrá-lo, fazê-lo ridículo, obrigando-o a tirar o que tinha dado, e então o seu brio ultrajado levantou-o a uma altura que vos faz vertigens. (*Herói e Santo*, I, 1; Gomes, 2009: 29)

As vertigens que provoca D. Nuno nos seus opositores são mal a que estes procuram remediar, mandando-o matar. Mas não será de descurar aqui, na peça de Ferreira Gomes, a coerência da sua vida pessoal, enquanto Homem e Homem de Deus. Aceitando o exílio quando parte para o estrangeiro em 24 de Julho de 1959 (só o deixarão regressar 10 anos depois, a 18 de Junho de 1969), mas participando activamente no Concílio do Vaticano II (1962-1965). E responde aos que lhe propõem a demissão:

Se podem e querem demitir-me, está bem, com uma só e simples condição: que conste por escrito, escrito que eu possa usar e que fique para a história, ter sido tudo feito sem mim e com a minha discordância de princípio. (*apud* Freire, 1976: 65)

Nesse sentido, viajar, ir para o mar, para Sophia, é como ser pastor, para Ferreira Gomes. O poeta permanece à escuta: é “um escutador”. Está entre nós, atento ao que não está. Herberto Helder agradece a Sophia o exemplo de resistência à onnipresente “parvoeira, impraticabilidade, prosa”, exemplo que lhe permitiu a ele resistir também (revista *Relâmpago*, 9 *apud* Andrade, 2002: 19).

Usando um poema de Rilke, Ferreira Gomes imagina uma árvore que se estende para o céu através de ramos fixos e de pássaros, que são como ramos esvoaçantes. Na raiz da árvore, “como se fora o próprio espelho da sua tarefa vital”, estão os pastores. Só aparentemente estes estão alheios ao real. Utopia ou Tópia? Ferreira Gomes cita outro poema de Rilke:

como o pastor que atura  
de longe pode parecer que se acha descuidado  
porém ao acercar-nos, sentimos que vigia.  
(Gomes, 1976: XXVII-XXVIII)

Ora, “O Homem é o Pastor do Ser”, refere Ferreira Gomes no prefácio aos *Contos Exemplares*. Esse *Priester/Pastor/ Poeta* é afinal também, por maioria de razões, o Sacerdote, o Pastor do seu Rebanho, retomando a metáfora bíblica em toda aquela extensão filosófica, pagã e cristã, que desde logo lhe será dada pelo livro de Hermas (*O Pastor*).<sup>4</sup> O Pastor é também o habitante da Arcádia, o que se encontra perto do Ménalo, onde moram as musas. Ser Pastor: é aí que está “a aporia essencial, o ponto fulcral de todos os paradoxos: ser poeta, ser cultor da poesia, ser celebrante, mediador, sacerdote do Absoluto! Entusiasmo poético: ser para Deus, ser ‘em Deus’, sem outro mediador!...” (Gomes, 1976: XXXVIII). Parafraçando Rilke: “– Dize, oh Poeta, que fazes tu? – Eu celebro!... eu celebro!...” (Pinho, 1990: III, 321).

Esse Pastor é o verdadeiro sentido de Getsmani [sic], referido por Ferreira Gomes: estar sozinho ainda que acompanhado, sabendo que a morte chegará e nos encontrará sozinhos

com o Pai, cuidando do adormecido rebanho. É importante a morte. E a morte pode ser física ou social. A morte não é somente aquela passagem para o outro-mundo, o celeste. A morte pode existir ainda neste mundo: a morte-desterro, a morte-indiferença, a morte-desdém, essa "Schadenfreude" que nos leva a rebaixar tudo o que nos inferioriza. É importante, segundo alguns, rebaixar os outros. Para que a "altivez" dos outros não revele a nossa "baixeza". Para que seja fácil parecermos altos. Conta Geraldine Freire:

Tanto em 1960 como em 1972 chegou a pretender-se provar que o Bispo do Porto... era doido. Um dia, um professor universitário chegou-se a mim e segredou: - Ouça lá, o senhor que viveu lá em Portalegre com o Bispo do Porto não me poderia dizer se ele já então dava sinais de ser anormal? (Freire, 1976: 58)

>>

É importante olhar a morte, todas as mortes, de frente. A morte é a suspeita de loucura, é a alegria do mártir que Ferreira Gomes toma entre as mãos e sublima. Pois que se assuma tudo: a morte, a loucura, a "Schadenfreude", ou a alegria dos vencidos.

D. Nuno – [...] A hipocrisia hábil pode levar os homens ao sacrifício como as rezas para o açougue; porém só a verdade sentida os conduz à morte gloriosa, com alegria heróica.

D. João – A alegria dos mártires!

D. Nuno – Isso mesmo! [...] Vejo diante de mim um poço enorme, todo trevas. Diz-me a razão que homem que lá salte não escapa, salvo por grande milagre e mercê de Deus. E todavia o coração manda-me que o salte. (*Herói e Santo*, I, 11; Gomes, 2009: 50)

Loucura assumida é o "– Isso mesmo!", de D. Nuno Álvares Pereira. Pois não é louco o Herói, do Santo ou do Poeta? Na verdade, "é preciso ser louco para ter a coragem de buscar Deus, de verdade" (escreve Ferreira Gomes no prefácio aos *Contos Exemplares* de Sophia, 1976: XVII). E os Poetas? Lá estão

ao seu lado, de Aristóteles a Mestre Eckart: “quanto mais poético, mais verdadeiro” (Pinho, 1990: III, 313-314).

Para o explicar, voltam os clássicos: não tinha dito Aristóteles que “não há grandeza de engenho sem mistura de demência”?

E de novo o sentido etimológico, porque explica a unidade entre todos eles e o caminho até Deus: “Para o filósofo ou poeta antigo, a Poesia era o êxtase, o estar fora de si, o estar no divino, por própria palavra o estar-em-Deus, o entusiasmo (*en-thousiasmos, en-theos*)” (*ibidem*: XXII).

146>147

O “estado de graça” de Sophia tem uma expressão semelhante:

A arte pode ser estudada no plano da cultura, mas a sua mais funda comunicação é no plano da vida quando na arte somos confirmados. E o verdadeiro nome dessa comunicação é ‘entusiasmo’, dando à palavra o seu sentido grego. (Andersen, “Arte e Público”, in AA. VV., 1968: 227)

Nem sempre este entusiasmo é partilhável. Nem sempre a Beleza ou a Bondade são contagiosas. Mas não sendo essa bondade ou beleza partilhável em todos os tempos e espaços, ultrapassa a divisão kantiana entre Belo e Sublime, para se transformar numa percepção estética que compreende o Sublime, indiferente à aprovação e reconhecimento dos outros, desconfiando sempre dos prémios e das cerimónias de homenagem.

Poderiam ambos subscrever Schiller:

São dois génios os que a natureza nos deu pela vida fora. Um deles, sociável e gracioso, encurta-nos com o seu animado jogo a viagem penosa, aligeirando-nos as amarras da necessidade e conduzindo-nos, sob o signo da alegria e do gracejo, até aos lugares perigosos onde temos de agir como puros espíritos e abdicar de tudo o que é corpóreo, até ao conhecimento da verdade e ao cumprimento do dever. Aqui ele abandona-nos, pois o seu domínio é apenas o mundo dos sentidos, e a sua asa terrena não pode transportá-lo para além

deste. Mas agora surge o outro, sisudo e silencioso, e o seu braço forte transporta-nos acima da vertiginosa profundidade. No primeiro destes génios, reconhecemos o sentimento do belo, no segundo, o sentimento do sublime. (Schiller, [1997]: 220, n 9-10)

As minorias dizem o que muitas vezes as maiorias não podem dizer e essa torna-se a maior força das minorias: “Cortaram os trigos. Agora / a minha solidão vê-se melhor” (“Soror Mariana”, in *O Nome das Coisas*; Andresen, 1986a: 16). O medo pelo qual as maiorias podem ser controladas, selecciona naturalmente os que lhe resistem e dá-lhes visibilidade (Andresen, 1995: 14). >>

Clarifica Ferreira Gomes, citando Erich Fromm: “Se remontarmos o curso da história, verificar-se-á que todas as ideias que se tornaram ‘verdadeiras’ em política como em filosofia, quer no terreno religioso quer científico, foram na origem defendidas por minorias”.

E conclui: “Pode lamentar-se que os resistentes ao mal e à mentira, por tais conhecidos, não sejam maioria; mas é assim que se faz o progresso da humanidade” (Gomes, Carta-Prefácio in Freire, 1976: 14).

#### 4. A religião deve ser um Conto Exemplar

Italo Calvino, durante a Segunda Guerra Mundial (quando integrava a brigada Garibaldi, na Resistência italiana às forças do Eixo), constatou o gosto que os resistentes tinham em contar as suas histórias. Quando se encontravam, era-lhes necessário transformar a renascida liberdade de falar (ainda que na clandestinidade) num renovado gosto por contar (*apud* Bonura, [1972]: 84). Calvino vê nesse primordial prazer pela efabulação o princípio da mitificação (a *mitopoiesis*). O mito seria uma narrativa final, que o uso tinha depurado de excrescências e apurado por excessos significativos. Tornara-se assim impressivo e

impressionante. Por isso defenderia Calvino, não uma estética realista (o século XVIII diria “icónica”), mas uma estética do fantástico, capaz de falar do universal, ainda que através do particular (texto de 1967, *in* Calvino, 2003: 221). Ferreira Gomes não leu certamente Italo Calvino e, ao contrário deste, acredita em Deus e que, na ordem real, o lógico vem depois do ontológico (Gomes, 1976: XXV). Mas é curioso que partilhe com ele esta definição de autenticidade do mito: a Literatura é “a floresta dodónia onde as harpas suspensas são desferidas pelos ventos da história”. Serviu-se Ferreira Gomes do exemplo das parábolas de Cristo. E do lirismo de Rilke, que concebe o homem como “transfigurante ou sublimante” das coisas, “abelha do invisível”, porque capaz de transformar flores perecíveis em imputrefacto mel (*idem*: XI e XXXV-XXXVI). A fábula e a parábola são uma forma comum de resistência à morte e ao mal. Ainda quando divergem nos exemplos canónicos.

Calvino explicita: “O que eu procuro na transfiguração cómica ou irónica, ou grotesca ou burlesca, é a saída da tacañhez e da univocidade de todas as representações e de todas as opiniões”. E, pensando no gosto que tem em ler Ariosto, Shakespeare, Cervantes, Sterne, Lewis Carroll, Edward Lear, Alfred Jarry ou R. Queneau declara: “para mim são válidos na medida em que através deles se consegue atingir esta espécie de desprendimento do particular, de sentimento de vastidão do todo” (Calvino, 2003: 29). Admira tal desprendimento, sobretudo na ironia de um autor que se envolve na própria ironia.

Sophia, por seu lado, altera os versos elegíacos de Virgílio (que celebravam quem conhecia a causa de todas as coisas) para celebrar quem, no feminino, efabula a própria vida. Esse sujeito é a Poeta, sendo o estado da Poesia um estado hermafrodita, comum à formulação masculina ou feminina (Andrade, 2002: 19):

Feliz aquela que efabulou o romance  
 Depois de o ter vivido.  
 (“Ode à maneira de Horácio”, *in* O *Búzio de Cós*, Andresen,  
 1997: 17)

Ferreira Gomes (o “Bispo amavelmente forçado a abrir estes Contos”) sente-se avisado pelo outro Bispo (o protagonista de um dos *Contos Exemplares*, de Sophia: “O Jantar do Bispo”): nesse conto, o Bispo cede ao entusiasmo pelas coisas terrenas, e vende o seu Padre pela restauração da Igreja de Nossa Senhora da Esperança. É tão fácil e quotidiana a tentação... A palavra do *exemplum* revela-se assim, para ele e para todos, uma forma de resistência mais poderosa, mais eficaz e mais amável que a espada. Ferreira Gomes sente-se próximo dos poetas, porque é intelectualmente um poeta, com estratégias retóricas de poeta. Como Cristo gosta de falar por parábolas, por exemplos, desde logo o seu exemplo. Isso dá-lhe também sensibilidade crítica: não será por acaso que, segundo Arnaldo de Pinho, Sophia de Mello Breyner tinha o “Pórtico” de Ferreira Gomes como um dos melhores textos sobre o que interessava para perceber a sua obra (Pinho, 2009: 147).

>>

Mas, para além do *exemplum*, como usar a palavra? No seu drama *Herói e Santo*, a figura da resistência daquele herói e santo que é D. Nuno Álvares Pereira poderia ser coadjuvada pelo jurista João das Regras, defensor nas Cortes dos direitos de D. João I. Na verdade, “a pena de pato” de João das Regras, é a arma com que ele pretende servir o “ceptro”. No projecto político de João das Regras “a pena de pato” substitui com vantagem a “espada”, e servirá o ceptro de uma forma mais subtil: “– Vós outros, homens de guerra, só conheceis céu e inferno, vitória e derrota. Ignorais o meio termo, o “secundum quid”, como se diz nas escolas” (*Herói e Santo*, I, 5; Gomes, 2009: 39).

A Universidade é essa forja de poderosas palavras. João das Regras, homem de Direito, vê na Universidade de Lisboa, de que é Reitor, “a minha cidadela contra feudalismos e ultramonismos”. Também ele, o jurista, tem uma forma de resistência à força. A palavra do jurista é uma ameaça à tirania da espada. Quando sai da presença dos conspiradores, sente-se o desprezo que a Força tem pelo Direito: “– O que acho mais estranho é o prezamento que o senhor Rei dá a esses legistas de má sorte [...]

esses escribas, vilões sem nome” (*Herói e Santo*, I, 6; *idem*: 41).

Todavia, o Direito, quando ignora “os direitos da consciência e da honra” (*idem*: 32), torna-se um instrumento do Poder, um escravo do Poder, portanto. Daí que João das Regras se venha afinal a confundir com o partido dos Conspiradores. A figura da resistência que é D. Nuno (figura de Herói e de Santo) vem a ser afinal só coadjuvada pela figura de Guterres, o jogral de D. João I (o Poeta).

Podia ser um jurista. Mas é quase sempre um Poeta quem diz o que mais ninguém ousa dizer. Fá-lo, é certo, dissimuladamente, por metáforas, por parábolas. O seu código é tanto mais rebuscado quanto maior é o medo de ser descodificado. E quanto mais rebuscado é o seu texto, mais empenho pede ao leitor, e mais possibilidades de leitura lhe oferece. Diz ironicamente Ferreira Gomes, referindo-se ao longínquo tempo de Cervantes:

É que aqueles tempos de Inquisição, e ainda mais de sociedade que fez a Inquisição, pediam certas regras de sabedoria de viver e escrever, que facilmente hoje nos podem escapar... (*idem*: XIII)

O discurso do jogral pode tornar-se um complexo jogo de charadas:

– Falais do sol que nasce?

[...]

– Senhor, na glória da poeira doirada pelo sol nascente, assomam nos visos do Candal pendões onde sangra uma cruz flor-delizada.

– Como dizeis?

– Pela encosta desceu a figura donairoza de um cavaleiro ágil e meão de altura, que num barco demanda nesta riba. Coroa-lhe a cabeça o elmo e cobre-o a sombra do guião, içado pelo seu alferes.

– É possível? Nun’Álvares?! (*Herói e Santo*, I, 10; *idem*: 46-47)

É óbvio que a Literatura tem fraquezas como o Direito. Porque a Literatura é inconveniente, diz o que ninguém ousa.

Mas porque é por definição inconveniente, ninguém a leva como ameaça. São sonhos. Coisas dos livros. Tretas das letras. Fantasias de poetas. João das Regras menospreza as palavras do rei, quando este sai da presença dos conspiradores:

– Em verdade já tínhamos esquecido que o nosso bom rei Artur tem às vezes ímpetos de Roldão. [...] é mister é que o Galaaz do nosso rei Artur não volte. (*Herói e Santo*, I, 5; *idem*: 38)

Mas essa é a sua fraqueza e a sua força. Até ser excessiva e a todos perigosamente abranger. As fábulas com que Guterres entretém a corte são por vezes demasiado claras, insinuando-se o próprio absurdo do Poder: >>

Em jantar de grande gala  
Serve o cordeiro ao leão.  
Eis que no fim para completá-la,  
A faustosa refeição,  
Vai comer a fera ao pobre;  
– Mas porquê? – Porque eu sou nobre.  
Das classes o sentido  
'Stá em comer ou ser comido.

Reage D. Nuno: “– Tonto em vós, Sr. Guterres. Isso agora é com todos!” (*Herói e Santo*, II, 1; *idem*: 62).

## 5. O ser de Acção é um ser de Contemplação

O que em todas estas questões une o pensamento de D. António Ferreira Gomes à autora dos *Contos Exemplares* é a tensão entre o ser contemplativo (que deseja e imagina) e o ser activo (que escreve, constrói, e age):

Partindo da concepção heideggeriana da linguagem como “habitação do Ser”, formulada na célebre *Carta sobre o Humanismo*, D. António retoma à sua conta a visão de que são os

poetas e os pensadores que velam sobre esse 'abrigo' onde o homem mora, como 'pastor do Ser' que é. Estas metáforas [...] servem ao Pastor da Igreja para, também ele, atribuir ao diálogo com os poetas e os pensadores, enquanto 'expressões supremas da cultura humana', a prioridade da pastoral de inteligência" (Pinho, 1990: III, 15)

Provém tudo isto da leitura de Heidegger? De Rilke? Talvez, na medida em que Ferreira Gomes acolherá certos poetas e certos filósofos. Mas já quase tudo está presente e bem delineado em *Herói e Santo*, de 1931, tendo o Autor apenas 25 anos. Está presente no protagonista D. Nuno Álvares Pereira, monge e soldado (respectivamente no Quadro II/1424 e no Quadro I/1394), Mas desde logo no primeiro diálogo que D. Nuno tem na corte, diante de um Rei preso às conveniências dos vassalos:

D. João – É preciso acomodarmo-nos às ocasiões.

D. Nuno – Não seria melhor acomodarmos a nós as ocasiões?

A ocasião faz-se; e o homem só deve curvar-se diante de Deus. (*Herói e Santo*, I, 11; Gomes, 2009: 49)

A complementaridade entre o homem de contemplação, que aceita as ocasiões, e o homem de acção, que as cria, não se encontra completamente inscrita na análise do real imediato. Pressupõe uma luta entre o Ser e o Dever Ser e é por vezes verbalizada através de certos utopemas. Esse mundo melhor (embora não perfeito) é sempre resultado de uma acção inábil, despropositada, excessiva, louca. Mas é essa acção utópica que, se não nos julgarmos Deuses, nos aproximará de Deus. É a atitude do Herói, do Santo, em Ferreira Gomes. E do Poeta, em Sophia. A gestão comedida, do jurista que é João das Regras, ou do político para que tende a ser D. João I, é, pelo contrário hábil, calculada e calculista. Quer António Ferreira Gomes quer Sophia de Mello Breyner referem sempre com um trejeito de desdém os homens hábeis, que exigem o sacrifício alheio. Ferreira Gomes ironiza sobre "os homens de garnacha, de glossas e distinção" (*Herói e Santo*, I, 1; *idem*: 27). E Sophia ironiza

sobre o poeta "sábio hábil informado" que, quando escreve, não faz dançar as Ménades ("O Poeta Sábio", in *Musa*, Andersen, 2001: 31).

Em alternativa, o Herói, o Santo ou o Poeta encontram-se marcados pela loucura do sacrifício, pela loucura que é o perdão ou a generosidade. Porque o Herói, o Santo ou o Poeta são fracos em cálculo, e mais ainda quando ignoram que dão mais do que recebem. O Herói, o Santo e o Poeta não fazem contas à vida: medem o possível pelo impossível. Não trocam olho por olho e dente por dente.

Tanto o Herói, como Santo ou o Poeta têm "um pacto com a morte": olham-na de frente, não a temem. Há em Ferreira Gomes e em Sophia idênticas ironias sobre a palavra "paz" e a palavra "morte". Existem efectivamente duas mortes: a dos "túmulos caiados", dos que nada fazem, e a morte heróica dos que ousam dar-se. Lembrando-se de Antígona em Catarina Eufémia, Sophia defende que, independentemente do amor à vida, mas até por causa desse amor, "em certas condições a morte será mais fiel à vida do que a mera sobrevivência" (Breyner *apud* Pereira, 1992). O mesmo acontece com as ambiguidades retóricas da palavra "paz". Pergunta Ferreira Gomes: num país em que a paz (portuguesa, externa, interna) se define como "tranquilidade na ordem", haverá paz na "desordem que está nas almas e nos costumes"? "E essa desordem estará longe das ruas?" (F. Gomes *apud* Freire, 1976: 62). Leia-se *Paz da vitória ou paz da justiça?* (1973), *A paz depende de ti* (1974), *Paz em Portugal pela reconciliação entre portugueses* (1975). Há sempre uma ordem interna que não teme a morte externa.

D. Nuno – (...) Vejo diante de mim um poço enorme, todo trevas. Diz-me a razão que homem que lá salte não escapa, salvo por grande milagre e mercê de Deus. E todavia o coração manda-me que o salte. (*Herói e Santo*, I, 11; Gomes, 2009: 50)

O Herói, o Santo e o Poeta sempre o saltam. Voltamos àquele "Isso mesmo!" de Nuno, que transforma o desprezo

>>

pelos vencidos (os mártires) na maior virtude dos vencidos. Esse sublime, a grandeza do vencido, ecoa tanto nos escritos de Ferreira Gomes como na poesia de Sophia. Por isso, Ferreira Gomes escreve que a afronta dos reis dos povos e dos seus chefes pode ser recebida pelo bispo com alegria, ainda que não a afronta dos irmãos” (aula conciliar de Ferreira Gomes a 1/11/63, *apud* Freire, 1976: 53-67). Por isso Maria Velho da Costa via em Sophia a “incitação a uma alegria por vezes feroz” (*Público*, 5/7/04). As palavras de Sophia celebrando a irreverência de Francisco Sousa Tavares são muito semelhantes às de Ferreira Gomes. Como se essa irreverência de Francisco Sousa Tavares fosse o complemento certo<sup>5</sup> da sua arte de dançar poesia, “como se o mundo inteiro à sua volta lhe fosse de repente absolutamente alheio” (Tavares, 1995):

Porque os outros se compram e se vendem  
E os seus gestos dão sempre dividendo,  
Porque os outros são hábeis mas tu não,  
Porque os outros vão à sombra dos abrigos  
Mas tu vais de mãos dadas com os perigos,  
Porque os outros calculam mas tu não.  
 (“Porque”, *Mar Novo*, Andresen, 2003: 43)

Assim é Ulisses para Sophia. Fiel quando, em Ítaca, “lavrou a terra e construiu a casa”, fingindo-se louco para de Ítaca não sair. Mas fiel ainda quando arrastado para fora de Ítaca, “fiel ao canto estridente das sereias”, amou “a errância o caçador e as caçadas” e “sob o fulgor da noite constelada / à beira da tenda partilhou o vinho e a vida” (Andresen, 1997: 17).

Por isso, Maria Velho da Costa chamou a Sophia “visionária do visível” (Costa, 2004).

Por isso, Ferreira Gomes desejava ser “uma abelha do Invisível” (Gomes, 1976: XXXVI).

O oxímoro é um diálogo ao espelho entre o espírito utópico e o espírito pragmático. Desenganem-se pois os que pensam que Ferreira Gomes e Sophia nos pedem o Utópico, no

sentido em que a Utopia nos permite pedir o impossível. Ferreira Gomes e Sophia não nos querem pedir o abstracto transcendente: metem-nos uma palavra na boca para que sintamos o gosto de Deus, e o Belo se sinta no palato. Sophia, em *O Nu na Antiguidade Clássica*, faz o elogio do corpo despido, que, livre das coisas a mais, descobre o impulso da vida, a sagrada aliança que a todos nos une: o poeta é o escutador desse impulso. A primeira imagem que guarda da sua infância é a de uma maçã na casa de praia: “Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira”. “Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário”. O que era fantástico era a revelação da presença do real (Andresen, 1990: I, 7). Também Ferreira Gomes, através do protagonista D. Nuno, nos faz a revelação desse despojamento. Estamos no último acto, e D. Nuno deixou de ser soldado do rei: “– Deu-me Deus a liberdade de me despir do mundo...” (*Herói e Santo*, III, 1; Gomes, 2009: 99).

>>

A espiritualidade, para ambos, é residualmente essa liberdade. Liberdade que a todos nos une, que a todos é possível e que ninguém nos pode tirar.

Afinal, talvez seja fácil ser Herói, ser Santo ou ser Poeta.

Talvez nos baste deixar cair o que temos a mais. E um deles, pelo menos, seremos. <<

## NOTAS

---

[1] E o que é a mais legítima Crítica literária senão um estratégico *patchwork* em que o discurso alheio se cose com as linhas do próprio, para que um valorize o outro? Sophia chega a lamentar que a arte da citação crítica se perca. Como aqueles desperdícios de retalho que antes de fazerem parte de uma colcha parecem não ter interesse:

[...] deviam fazer citações quando escrevem sobre os livros. Se as citações forem bem feitas podem ajudar a descobrir o livro. A minha mãe disse-me que leu Proust – penso que era a única mulher do Porto que tinha lido Proust naquela época – porque gostou de uma frase citada numa revista francesa. (Breyner, 1995: 13)

[2] Ou noutro poema: “Não trago Deus em mim mas no mundo o procuro / Sabendo que o real o mostrará” (“Poema”, *Geografia*, Andresen, 1990a: 82).

156>11

[3] Seria impossível citar a abundante crítica sobre as leituras filosóficas e teológicas presentes em toda a obra de Luís de Camões e não apenas na composição “Sobolórios”. Nomeadamente toda a crítica, passim, que gira à volta das noções de Platonismo e Neoplatonismo, e do Amor em particular (v.g., Joaquim de Carvalho, “Estudos sobre as Leituras Filosóficas de Camões” in *Obra Completa*, Lisboa, FCG, vol. I. Filosofia e História da Filosofia; Vítor M. de Aguiar e Silva, 1994, *Camões: labirintos e fascínios*, Lisboa, Cotovia; Rita Marnoto, 2007, *Sete Ensaios Camonianos*, Coimbra, CUECE), etc.). Sobre os desafios espirituais de D. Quixote, vide por todos, a leitura comentada de Miguel de Unamuno, 1987, *Vida de Don Quijote y Sancho*, Madrid, Alianza).

[4] Nesta curiosa obra de Hermas, o Pastor é o Anjo da Penitência que dita a Hermas 12 mandamentos (Perseverança na fé, Simplicidade, Respeito pela verdade, Fidelidade, Paciência, Confiança no Anjo da Justiça, Temer a Deus mas não o Diabo, Abster-se do mal, procurando o bem, Evitar o espírito dúbio, Evitar a tristeza, Venerar os verdadeiros profetas, combater os maus desejos) e lhe fala deles através de 10 mais económicas parábolas (a das duas cidades, a celeste e a terrena; o olmo e a videira, o rico e o pobre que mutuamente se ajudam; o Inverno e o Verão porque só o tempo permite distinguir a árvore morta da viva; a vinha e o agricultor, que não abandona a cepa sem folha ou fruto; o pastor sedutor e o pastor rude, em que o primeiro mata as ovelhas doentes que o segundo cura; o Anjo do castigo cuja presença se deve aceitar; o salgueiro que sempre refloresce, ainda com os braços cortados, a torre erguida sobre a rocha, com pedras escolhidas mas de proveniência diversa).

[5] Eugénio de Andrade recorda o início da amizade com Sophia, num texto de 2 de Novembro de 2001:

Todos os seus amigos estavam, de um ou de outro modo, enamorados dela. Talvez daí que todos eles tivessem discordado do seu casamento e o considerassem um desastre. Mas havia nesse juízo alguma injustiça, como se viu anos depois. A Sophia ficou a dever a Francisco, além dos filhos, a consciência política. (*apud* Andrade, 2002: 19)

A mesma oscilação noutro testemunho: “segura de si, mas também distante, como se tivesse chegado doutro país” e não tivesse tido tempo de se adaptar àquele em que vivia (Eugénio de Andrade *apud* Queirós, 2004).

## BIBLIOGRAFIA ∨

AA.VV. (1968), *Situação da Arte. Inquérito junto de artistas e intelectuais portugueses*, Lisboa, Publicações Europa-América.

Andrade, Eugénio de (2002), "Saudades de Sophia", in *Jornal de Letras*, Lisboa, 6/2/2002, 19.

Andresen, Sophia de Mello Breyner (s.d.), *O Nu na Antiguidade*, Lisboa, Portugália.

-- (1986a), *O Nome das Coisas*, Lisboa, Edições Salamandra.

-- (1986b), *Dual*, Lisboa, Edições Salamandra.

-- (1989), Entrevista a António Guerreiro, *Expresso*, Lisboa, 15 de Julho.

-- (1990a), *Geografia*, Lisboa, Edições Salamandra.

-- (1990b), *Ilhas*, Lisboa, Texto Editora.

-- (1995), "O Mundo de Sophia", entrevista a Sérgio Coimbra, "O Independente", Lisboa, 13/10/1995, Suplemento Vida, 12-14.

-- (1999), "D. António Ferreira Gomes. Bispo do Porto"; "Naquele tempo" ["Dois poemas inéditos"], *Jornal de Letras*, Lisboa, 16/6/1999.

-- (2001), *Musa*, Lisboa, Caminho.

-- (2003), *Mar Novo. Obra Poética*, Lisboa, Caminho.

Bonura, Giuseppe (1972), *Invito alla lettura di Calvino*, Milano, Mursia.

Calvino, Italo (2003), *Ponto Final. Escritos sobre Literatura e Sociedade*, trad. José Colaço Barreiros, Lisboa, Teorema.

Costa, Maria Velho da (2004), "Visionária do Visível", *Público*, 5/7/04.

Freire, José Geraldes (1976), *Resistência Católica ao Salazarismo-Marcelismo*, Porto, Telos

Gomes, António Ferreira (1976), "Pórtico", in *Contos Exemplares*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, Lisboa, Portugália

-- (1999), *Homilias da Paz (1970-1982)*. Porto: Fundação Spes.

-- (2009), *Nuno de Santa Maria. Herói e Santo. A vida do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, dramatizada pelo antigo Bispo do Porto. Outros textos*, pref. Guilherme de Oliveira, introd. Maria Luísa Malato Borralho, Lisboa, Fundação SPES / Aletheia.

>>

Hermas (2003), *O Pastor*, trad. M. Luís Marques, revisão, introdução e notas de Isidro Pereira Lamelas, Lisboa, Alcalá/ Faculdade de Teologia (UCP).

Penafiel, G. [António Ferreira Gomes] (s.d.), *Herói e Santo. Drama em 3 Actos e 2 Quadros (1431-1931)*, Porto, Edição do Autor.

Pereira, Miguel Serras (1992), "O Testemunho Poético de Sophia", *Jornal de Letras*, Lisboa, 10/3/92

Pinho, Arnaldo de (1989), *Uma Cristologia para a identidade cristã na Modernidade. O pensamento cristológico de D. António Ferreira Gomes*, Salamanca/ Porto, Universidad Pontificia, Fundação Eng.º António de Almeida.

-- (org.) (1990), *D. António Ferreira Gomes: antologia do seu pensamento*, pref. José Augusto Seabra, 3 vols., Porto, Fundação Eng.º António de Almeida.

-- (2009), "Observações à margem duma obra de D. António sobre Nuno de Santa Maria", *Humanística e Teologia. Revista da Faculdade de Teologia-Porto*, XXX, 1, Junho 2009, 143-147.

Queirós, Luís Miguel (2004), "O Poema a levará no tempo", *Público*, Lisboa, 3/7/04.

*Relâmpago*, n.º 9, Lisboa, Outubro de 2001.

Schiller, Friedrich Schiller, [1997], *Textos sobre o Belo, o Sublime e o Trágico*, trad., introd., coment. Teresa Rodrigues Cadete, Lisboa, IN-CM.

Tavares, Miguel Sousa (2001), "E ela dança", *Não te deixarei morrer, David Crockett*, Lisboa, Oficina do Livro, 91-92.

Consultar em geral o *site* da Fundação SPES:

<http://www.fspes.pt/default.htm>